

TEXTO – IV

AUTOPROTEÇÃO NA PRÁTICA: ENSAIO METODOLÓGICO PARA ATUAÇÃO

A prática da autoproteção é um dos recursos para a prevenção e enfrentamento a violência sexual contra crianças e adolescentes, pensada para esse público conseguir acessar alguns meios ou alternativas para sua própria proteção. Funciona como um componente a mais, nessa luta incansável contra a violência sexual.

Agora, vamos tentar apresentar um conjunto de recursos didáticos e alguns instrumentos metodológicos que se configuram como mecanismos de autoproteção, para que seja possível o trabalho formativo junto a crianças e adolescentes para que consigam desenvolver a autoproteção.

Alguns precedentes fundamentais para a implementação de um processo formativo para crianças e adolescentes desenvolverem a autoproteção, passam por cinco etapas importantes e uma premissa fundamental:

A premissa fundamental é tentar nos entender no contexto desafiador que nos encontramos, posto que parte significativa de quem participa do curso é de uma geração de muitos tabus e mitos acerca da sexualidade, em decorrência, bem distantes da ideia de direitos sexuais de crianças e adolescentes. E é acrescido a isso, o lugar reservado a mulher e ao homem nesse cenário. Portanto, esse ponto que pode parecer uma encruzilhada para alguns, e, um beco sem saída para outros, nos desafia a superação, desconstrução e reconstrução de conceitos e de entendimentos, que de alguma forma nos aprisionam, nos colonizam.

Vamos então descolonizar, dissipar esses maus ventos, canalizar nossa energia para o caminho da proteção e libertação de crianças e adolescentes, e, porque não dizer, de nossa liberdade enquanto educador e educadora, enquanto instituição e enquanto pessoa.

A primeira etapa é conhecer a criança e o adolescente a partir de sua história e das concepções da infância e adolescência, compreendendo o arcabouço jurídico a que está submetido e suas ligações e interações, culturais, econômicas e sociais, entendendo

seu lugar enquanto sujeito de direitos, com direito a expressar suas opiniões, análises e posicionamentos frente a sua realidade.

A segunda etapa diz respeito à importância da compreensão sobre sexualidade, educação sexual, orientação sexual e direitos sexuais de crianças e adolescentes. Esse ponto traz muitos desafios, e, na atual conjuntura, fica ainda mais complexo, contudo, o que na verdade está em jogo, na maioria dos casos, é como essa questão funciona dentro de cada um de nós. Isso precisa ser considerado, precisamos tratar dessa questão, aprofundando-a, buscando informações, se formando e se libertando de mitos e tabus acerca dessas questões, abrindo os horizontes para novos paradigmas e possibilidades de empreender a empatia, o respeito e a defesa desses direitos.

A terceira etapa envolve o conhecimento sobre as violências contra crianças e adolescentes, com ênfase na violência sexual, compreendendo o abuso e a exploração sexual, mas com destaque para o abuso sexual. Nesse ponto é importante conhecer a realidade da violência sexual na comunidade, no município, estado e país, acessando informações sobre o fenômeno e percebendo sua dimensão. Essa violação, pode estar muito próxima a nós, seja em casa, no trabalho, na comunidade, nos momentos de lazer (cinema, praças, parques, festas, entre outros), nos serviços públicos de educação, saúde e assistência social etc, por isso é fundamental conhecer bem os conceitos dessas violências e seus indicadores físicos, comportamentais e emocionais.

A quarta etapa é conhecer o Sistema de Garantia de Direitos com seus eixos estratégicos (Promoção, Defesa e Controle). E a partir dele, o Fluxograma de Atendimento a Crianças Vítimas de Violência. Esta é uma premissa fundamental, saber de suas atribuições e a dos outros órgãos e instituições, nesse caso podemos destacar o Conselho Tutelar, o CREAS, as Polícias Civil (Delegacias – preferencialmente as especializadas) e Militar, o Ministério Público e o Judiciário.

Lembrando que nos textos anteriores foram trabalhadas a maioria dessas questões, entretanto esse primeiro contato com o Sistema de Garantia de Direitos não é suficiente, se faz necessário o aprofundamento, leituras direcionadas e formações específicas, considerando as várias dinâmicas e complexidades acerca do tema. Atentando também para o fato de que quando o vivenciamos na prática, nos deparamos com situações concretas, podem ter situações que, por exemplo, não estejam presentes

na arrumação esquemática de funcionamento do Sistema de Garantia de Direitos, como a inexistência ou ineficácia de determinados órgãos e instituições.

A quinta etapa compreende a busca, apropriação e organização de um leque de materiais e instrumentais para o trabalho de formação e de repasse de informação para crianças e adolescente terem condições de se autoprotger. Nessa etapa, precisamos ter o conjunto desses recursos, conteúdos, metodologias, subsídios e um plano de formação com cronograma. Este último deve contemplar os conteúdos e subsídios organizados didaticamente, respeitando alguns processos para definição do passo a passo na execução das aulas, oficinas ou encontros com a meninada.

ASPECTOS IMPORTANTES A CONSIDERAR

No processo de formação com crianças na primeira infância é preciso considerar alguns elementos relacionados à aprendizagem, que devem ser respeitados, como os que colocam o Laboratório de Educação¹.

Até 02 anos: nesse momento os pequenos adoram escutar canções. Pouco a pouco, tentam acompanhá-las com gestos, balbucios e palavras. Também adoram ouvir histórias curtas e poemas, ficando bem atentos às falas e frases dos adultos, tentando imitá-los. Conversar com os bebês é bem importante!

Até 04 anos: as crianças nessa fase já falam um número grande de palavras e conseguem se comunicar melhor. Compreendem boa parte do que escutam e contam sobre como foi o seu dia com facilidade, mesmo que precisem da ajuda dos mais velhos. Mostram-se muito curiosas, fazendo perguntas sobre o que observam e sentem em diversos contextos. Também gostam de ouvir e cantar canções e já acompanham poemas e histórias mais longas, explorando os livros e as ilustrações.

Até 06 anos: nessa idade as crianças já dão conta de se expressar melhor, usando mais palavras e frases complexas. É comum vê-las criando teorias e narrativas próprias para explicar o que ouviram, viram ou imaginaram. Também já conseguem acompanhar histórias, peças de teatro e filmes mais longos, envolvendo-se com essas atividades, fazendo perguntas e comentários sobre elas (Laboratório de Educação).

A compreensão do universo infantil nessa faixa etária é muito importante para a formação para autoproteção. Outros fatores dizem respeito ao tempo, em duas condições específicas, uma em relação ao *tempo de duração da oficina*, que deve ser de aproximadamente uma hora, podendo ser um pouco mais ou um pouco menos. E a outra,

¹Fundado em 2012 pelas educadoras Beatriz Cardoso e Andrea Guida Bisognin, o **Laboratório de Educação** é uma organização não governamental que busca sensibilizar os adultos sobre o seu importante papel no processo de aprendizagem das crianças, oferecendo meios para promover interações significativas dentro e fora da escola: traduzimos, integramos e materializamos o conhecimento científico, tornando-o aplicável em situações cotidianas.

é referente ao intervalo entre uma formação e outra, que não deve passar de uma semana.

A faixa etária em tela, a da primeira infância, representa a de maior desafio para o desenvolvimento da autoproteção, no entanto, é um dos períodos de vida em que as crianças estão mais vulneráveis e conseqüentemente suscetíveis ao abuso sexual e outras violências. E para essa faixa etária, ter subsídios para a interação é muito importante, citamos como exemplo os livretos produzidos pela pedagoga e especialista em educação sexual Caroline Arcari, mencionada no texto anterior, devido a sua experiência na Escola de Ser em Goiás e pela obra Pipo e Fifi.

Ainda sobre a primeira infância, podemos dizer que temos dois grupos etários, o das crianças de 0 a 03 anos, e as de 04 a 06 anos, que vivenciam processos de desenvolvimento distintos e que necessitam de abordagens específicas. No primeiro grupo, como possibilidade, a literatura indicada, entre outras, é o livro Pipo e Fifi para bebês. E para faixa etária entre 04 e 06 anos, destacamos Pipo e Fifi: ensinando proteção contra violência sexual. Ambos da Caroline Arcari.

A partir dessa faixa, dentre as publicações existentes, destacamos outra publicação que é indicada para o trato dessas questões, tomando os processos de concepção, gestação e nascimento dos bebês que abrange outros aspectos importantes: o livro Gogô: de onde vêm os bebês?

De forma cuidadosa e muito precisa, esta obra explica para as crianças conceitos fundamentais da vida, destacando valores importantes sobre respeito, consentimento, maturidade e prevenção da violência sexual. Caroline Arcari escreve sobre a origem dos bebês de forma clara e delicada, ao mesmo tempo em que não abre mão de alertas absolutamente imprescindíveis. Com imagens de teor realístico, a obra fala sobre os diferentes tipos de parto, relações sexuais, as diferenças entre carinho e abuso sexual e apresenta a anatomia do corpo masculino e feminino para familiarizar as crianças com seu próprio corpo (MINHA PEQUENA FEMINISTA, 2018)

É natural que reações de espanto e até desconfortos possam surgir diante das possibilidades aqui apresentadas, mas o convite é encarar essas sensações e sentimentos, como uma mola propulsora para que essa descoberta, e outras que possam existir no universo do enfrentamento a violência sexual de crianças e adolescentes, sejam encaradas e incorporadas como algo mais natural e possível de ser vivenciado.

No sentido de ilustrar a discussão, e contribuir na desmistificação dessa questão, da educação sexual na primeira infância ou na educação infantil, resgatamos uma experiência vivenciada por Dell'Aglio e Garcia em relação a essa discussão na pré-escola. Importante observar o retorno das crianças e suas construções e laborações nessa convivência pedagógica com o tema. Considerando os registros das ideias espontâneas das crianças.

Através destas ideias pode-se perceber as fantasias das crianças sobre a concepção e nascimento, como nas seguintes verbalizações: *"o bebê sobe pela barriga da mãe, pelos canos que ela tem dentro"; "a mãe vai para o hospital e o papai do céu vem e dá o nenê"; eu não vi, mas acho que a maninha entrou sozinha na barriga da mãe"; "ele é bem pequenininho, entra pela boca e vai para a barriga dentro do sangue "; "o bebê faz um furo para entrar na barriga da mãe e para sair também. O médico costura o furo"; "ele vem na comida que a mãe come. Ela cuida para não morder"; "cortam a barriga da mãe e colocam o bebê lá dentro "; "os pais se casam e o nenê já está na barriga"; "o bebê vem do céu"* (DELL'AGLIO & GARCIA, 2012).

No relato acima, uma amostra da fértil e sempre efervescente imaginação da criança, que dá forma ao processo de concepção e nascimento antes da vivência do projeto, mas tempos depois dos vários momentos de diálogo e trabalho formativo, os entendimentos vão se consolidando e apontam em outra direção e concepção.

"para fazer o nenê precisa da coisa do papai que se junta com a coisa da mamãe"; "o espermatozóide vai nadando igual a um peixinho para o óvulo. Ele entra no óvulo e começa a nascer o nenê, começa pequeno e vai crescendo"; "quando a mamãe dorme, o bebê também dorme e ele se alimenta do cordão umbilical porque ainda não pode tomar Nescau"; "ele come tudo que a mãe come pelo cordão umbilical"; "lá é escurinho e tem água quente que não deixa o bebê se bater"; "a mamãe grávida não pode fumar, nem beber vinho, nem cachaça Velho Barreiro. Tem que tomar suco e comer bastante fruta "; "perto da hora de nascer o nenê vira de cabeça para baixo e sai pela xerereca. As vezes tem que cortar a barriga"; "o médico corta o cordão umbilical porque o bebê já pode se alimentar pela boca, pode mamar o leite da mamãe ", entre outras (DELL'AGLIO & GARCIA, 2012).

O trabalho no sentido do estímulo e do conhecimento do que realmente ocorre no processo de concepção, gestação e nascimento são fielmente representadas no entendimento da crianças participantes do projeto, fato esse revelador da naturalidade que pode ser encarada pela criança a esses conhecimentos, que estão para além do biológico, considerando outros aspectos levantados pela "coisa" e seu papel e significado.

No caso dos (as) adolescentes, considerando grupos que não tiveram uma infância elucidativa e de conhecimento acerca dessas questões, certamente tem compreensões limitadas em relação a sexualidade, educação sexual e direitos sexuais, e,

consequentemente, nos anos iniciais dessa fase, estarão em situação de risco tanto na perspectiva das descobertas sexuais, quanto da violência sexual.

Nessa direção podemos fazer uma reflexão: para estes e estas adolescentes, quando criança, em muitos casos este era um tema proibido, onde os adultos consideravam que não era a hora de tratar sobre estas questões. Já na adolescência, que a princípio poderia ser o momento mais tranquilo de lidar com o tema, não ocorre o repasse de informação de forma construtiva e educativa, ou seja, as barreiras e tabus continuam,prestando um desserviço aos/as adolescentes. Condenando-os/as a informações deturpadas, equivocadas e incompletas, como já dito em texto anterior.

A autoproteção para adolescentes, para além de um processo de prevenção e enfrentamento à violência sexual, pode ser também uma possibilidade para correção de rota, prevenindo ou evitando sofrimento, adoecimento, dor, automutilação e até suicídio.

No sentido mais prático, os recursos didáticos e pedagógicos para o trabalho com este público podem estar mais acessíveis, e, talvez, a linguagem possa estar mais próximas deles e delas, inclusive, em certa medida, a aceitação sobre o trato da educação sexual. Entretanto, é importante observar que outros desafios estão postos, e precisamos estar preparados/as para lidar com eles.

A compreensão dessa fase de desenvolvimento do ser humano pode ser uma das mais belas, com descobertas, transformações e complexidades. Segundo Abdo (2010), a adolescência é uma fase de intensas transformações biológicas, psicológicas e sociais. A sexualidade faz parte da identidade humana e se desenvolve ao longo de toda a vida, como motivação da busca e vivência do prazer (ABDO, 2010).

Ao tratarmos a sexualidade na adolescência, devemos considerar alguns aspectos colocados por WHO e SANTANA (2009), que muito sabiamente nos chama a uma compreensão de contexto acerca dessa questão.

A sexualidade na adolescência é marcada por conflitos e descobertas que podem estar associados a vulnerabilidades e riscos, tais como gravidez inesperada e infecções sexualmente transmissíveis (WHO e SANTANA et al., 2009).

A importância da compreensão da sexualidade no processo de desenvolvimento do/aadolescente, se apresenta como um componente estruturante à sua felicidade,

escapando das amordaças e prisões conservadoras, machistas e patriarcais. Acomodando uma dinâmica de vida que possibilita a liberdade em relação a sua orientação sexual, onde prevalece o que cada um define ou decide para si, recusando as imposições da sociedade e da família que tenta definir o que é melhor para o outro.

A partir da promoção da saúde sexual com base na discussão dos direitos sexuais e reprodutivos, é possível a vivência da sexualidade com prazer, respeito e responsabilidade individual e social. Dessa forma, os jovens desenvolverão a capacidade de avaliar seus comportamentos e viverão sua sexualidade de forma consciente e com responsabilidade compartilhada (VIGOYA; HERNÁNDEZ, 2006)

Em termos de recursos para a formação de adolescentes, no sentido da garantia de sua proteção, como indicado no texto anterior temos uma publicação bem interessante que é o livro de Julieta Jacob, Tuca e Juba², que trata da prevenção a violência sexual contra adolescentes. Destacamos esse porque tem sido referência para muitas ações nessa direção.

ALGUMAS SUGESTÕES DE ORGANIZAÇÃO DE ENCONTROS OU OFICINAS

A experiência do Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social – CENDHEC (Formação para proteção de crianças – a experiência do Projeto Teia) é um recurso muito avançado nessa perspectiva da formação para autoproteção, nela será possível encontrar além de um roteiro interessante dos temas a serem abordados com as crianças e adolescentes e famílias, o planejamento do conjunto das oficinas realizadas com os referidos públicos, numa escrita bem descritiva e com riqueza de detalhes que poderão servir de base para replicar a experiência com as devidas adequações.

Um fator fundamental para indicação dessa experiência, é o fato de ter sido tido como base de execução, majoritariamente instituições de atendimento de comunidades, para além da escola. Comunidades que apresentavam índices elevados de violência sexual contra o público infanto-juvenil, uma vivência extremamente rica e que contribuiu na formação de muitas crianças, adolescentes e famílias para a prática da autoproteção.

²O livro ganhou o Prêmio de Direitos Humanos Neide Castanha, por produção de conhecimento para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes.

Mas, independente da sugestão da experiência em tela, o caminho formativo para autoproteção deve acompanhar o seguinte percurso programático: **história e concepção de criança e adolescente e de infância e adolescência -os direitos da criança e do adolescente, com destaque aos direitos fundamentais - sexualidade, educação sexual e direitos sexuais -escuta de crianças e adolescentes -conhecimento sobre o corpo - violência contra criança e adolescentes tratando da violência física, psicológica, omissiva (negligência) e sexual, com ênfase nessa última com conceito, indicadores físicos, comportamentais e emocionais - família protetora - Sistema de Garantia de Direitos- rede de proteção e o fluxograma de atendimento.**

O conjunto dos conteúdos acima, pode seguir essa ordem e/ou serem organizados em categorias e módulos, sendo essencial considerar as categorias representativas das faixas etárias para redução de diferenças cognitivas entre as idades. E cada categoria, pode ser dividida por módulo para os diversos conteúdos (vide proposta de planejamento do Cendhec).

Enquanto recursos audiovisuais duas fontes são indicadas, sem se resumir logicamente a estas possibilidades, a primeira, é o Projeto Crescer sem Violência do Canal Futura da Fundação Roberto Marinho, com três Séries: *Que abuso é esse?*, *Que exploração é essa?* e *Que corpo é esse?*. O último com a perspectiva da autoproteção de crianças e adolescentes.

É durante a infância e a adolescência que formamos e desenvolvemos grande parte da estrutura física, emocional, afetiva, cognitiva e social dos indivíduos. Os esforços da família, comunidade, instituições e do Estado em assegurar os direitos das crianças e dos adolescentes são fundamentais para garantir a dignidade da vida e uma sociedade mais justa.

Nesse contexto, desde 2009 o Canal Futura assumiu o desafio de desenvolver ações e projetos para prevenir e enfrentar as múltiplas formas de violências contra crianças e adolescentes. O projeto O Crescer Sem Violência, parceria com o Unicef e a Childhood Brasil, tem como objetivo disseminar informações de qualidade e metodologias para enfrentamento deste tema de modo informativo, atraente e sem expor crianças e adolescentes (Canal Futura – Crescer sem Violência).

As referidas séries são bem didáticas, numa linguagem e imagem bem acessíveis e com muitas orientações, destacando as principais ações a serem desenvolvidas para a prevenção e enfrentamento a violência sexual contra crianças e adolescentes.

A outra dica audiovisual é o material da campanha *Defenda-se* promovida pelos Maristas, que compreende um conjunto de 13 vídeos curtos, trabalhando diversas situações de violência sexual e repassando orientações para sua prevenção e enfrentamento.

A Campanha *Defenda-se* promove a autodefesa de crianças contra a violência sexual por meio de uma série de vídeos educativos com linguagem acessível e amigável, apropriados para meninas e meninos entre 04 e 12 anos de idade. As histórias apresentam situações em que as crianças têm condições reais de agir preventivamente, especialmente pelo reconhecimento dos seus direitos sexuais e de estratégias que dificultam a ação dos agressores.

Criada pelo Centro Marista de Defesa da Infância tem como base o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual de Crianças e Adolescentes, especialmente os Eixos de Prevenção e Protagonismo Infanto-juvenil, e o 3º Protocolo Facultativo da Convenção sobre os Direitos da Criança, que prevê a possibilidade de a criança denunciar à Organização das Nações Unidas (ONU) violações de seus direitos.

As informações apresentadas pelos vídeos aumentam as chances de que as crianças identifiquem situações de violência sexual no contexto familiar, escolar, e em outros locais de maior convívio, e deste modo, contribuam na quebra do ciclo de violência, denunciando a violação a um adulto de confiança, ao Conselho Tutelar ou diretamente para o Disque 100 e outros canais. Permite, ainda, que famílias e profissionais prestem atendimento adequado às crianças, e dialoguem sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil.

Na iniciativa em tela, a autoproteção é trazida como autodefesa e é direcionada a vários públicos, mas, principalmente, para crianças e adolescentes. Mais um recurso bem interessante e funcional. Ambas as indicações estão disponíveis no canal Youtube com fácil acesso.

INDICAÇÕES IMPORTANTES DE LITERATURA NA ÁREA

Abaixo apresentamos uma relação com 14 sugestões de subsídios para leitura e uso na formação de crianças e adolescentes para o exercício da autoproteção, nelas será possível verificar as mais diversas experiências, sugestões e reflexões sobre como lidar com as várias temáticas ligadas a discussão da sexualidade, aos direitos sexuais, conhecimento do corpo e prevenção à violência sexual.

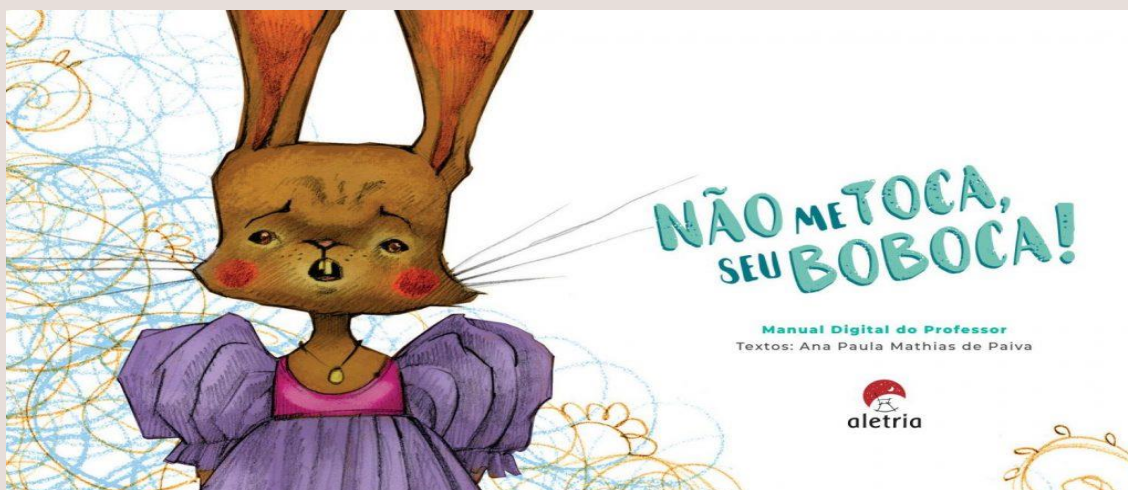
Ainda com a intenção de contribuir com mais subsídios relacionados ao tema, orientamos a consulta a duas publicações importantes: *Escuta de Crianças e Adolescentes em Situação de Violência Sexual: Aspectos Teóricos e Metodológicos - Guia para Capacitação em Depoimento Especial de Crianças e Adolescentes*. Fruto da parceria entre a Childhood, Unicef e Universidade Católica de Brasília. E a outra é a linha *Cuidado*

para a Atenção Integral à Saúde de Crianças, Adolescentes e suas Famílias - sem Situação de Violências - Orientação para Gestores do Ministério da Saúde.

Por fim, sem ser o fim, encerramos o referido módulo e o curso de autoproteção com a compreensão de que a semente foi plantada, e com as ações de irrigação e cuidado poderemos mais adiante colher frutos, que representarão **mais** crianças e adolescentes preparadas para o exercício da autoproteção, e **menos** sendo vítimas da violência sexual.

Subsídios sugeridos para autoproteção de crianças e adolescentes:

1 - "Não me toca, seu boboca", de Andrea Viviana Taubman



Dá à criança instrumentos para reconhecer uma situação de abuso e se proteger. Sem abrir mão de toda a leveza que uma história infantil pede. Taubman aborda com eficiência esse tema tão difícil.

2 – O Segredo de Tartatina, de Alessandra Rocha Santos Silva, Cristina Fukumori e Sheila Soma.



Um dos grandes aliados da violência é o segredo. Foi pensando nisso que o livro conta de forma lúdica a história da tartaruga Tartarina, que foi vítima de abuso sexual e, por sentir medo, não consegue contar para ninguém. Escrito por psicólogas clínicas, este livro é super recomendável porque traz de forma lúdica e didática ensinamentos de como identificar casos de abuso sexual e o que deve ser feito nessas situações.

3 – Pipo e Fifi, de Caroline Arcari...



A obra da pedagoga e mestre em educação sexual conta a história de dois monstrinhos, uma menina e um menino. Ao narrar a diferenciação do toque afetivo e do abusivo, este livro ensina o que é mais importante: como se proteger e conceitos básicos sobre o corpo. Indicado para crianças a partir de 3 anos de idade.

4 – A mão boa e a mão boba, de Renata Emrich



Como diferenciar toques amigos de toques abusivos? Em "A mão boa e a mão boba" a autora narra através de uma linguagem simples e educativa esse discernimento tão tênue e necessário para a proteção de crianças e adolescentes.

5 – Eu me protejo, de Patricia Almeida e Neusa Maria



A cartilha faz parte do projeto "Eu me protejo", que tornou a prevenção à pedofilia acessível a todos. Gratuita e com excelentes ilustrações, além de orientar as crianças a se protegerem de um possível abuso, a obra também os ensina a contarem para um adulto ou responsável, se algo acontecer.

Faixa etária: indicado para toda a família, educadores e protetores.

6 – Sem mais segredo:



Juju uma menina muito corajosa, alegre que vê sua vida mudar ao ter que guardar um segredo. O livro ajuda as crianças. De Ana Cláudia Bortolozzi, Dárcia Amaro Ávila, Juliana Lapa Rizza e Raquel Baptista Spaziani.

7 – Segredo Segredíssimo, de Odívia Barros



Aborda através da história de amizade entre duas amigas, a importância de se manter um diálogo aberto e a real importância das crianças estarem bem informadas para contar aos adultos quando o abuso ocorre. O livro fala também sobre afeto e acolhimento da família no momento pós-abuso. Voltado ao público infantil na faixa etária de 06 a 12 anos.

8 - Meu corpo é especial, de Cynthia Geisen e R. W. Alley



Um guia para que a família converse sobre abuso sexual. O livro ainda conta com um pequeno questionário com perguntas para saber em que nível está a compreensão da criança sobre esse assunto. Livre para todos os públicos.

9 – Meu corpo, meu corpinho, de Roseli Mendonça e Sidney Meireles.



Neste livro a criança entrará em contato com conceitos primordiais para se defender: privacidade, integridade física e proteção. Os autores apresentam de forma

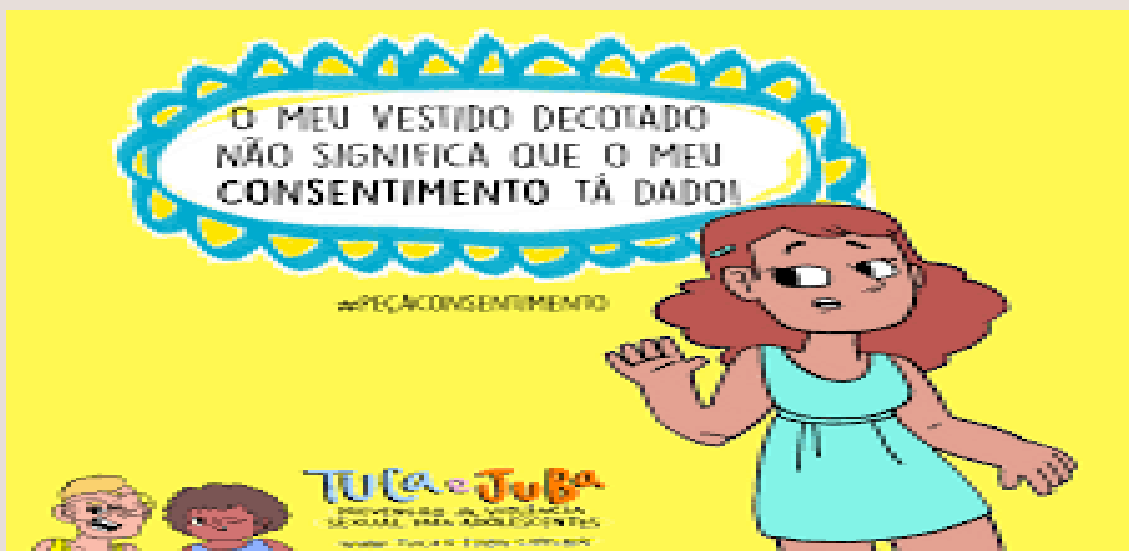
lúdica a importância de saber dizer "não" e como é fundamental que pais e filhos mantenham um diálogo aberto.

10 - LEILA – De Tino Freitas



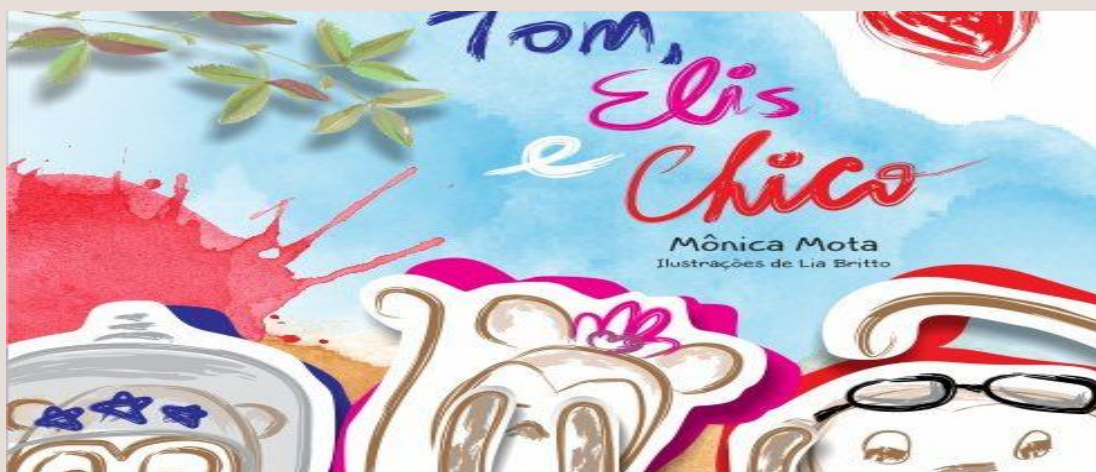
Conta a história de uma baleia que graças ao seu diálogo aberto com amigos consegue se libertar de seu agressor e voltar a nadar feliz. Ambientado no fundo do mar, esse livro é muito importante porque alerta para a principal ferramenta que os abusadores usam: o pacto de manter tudo em segredo. Leila ainda traz ilustrações belíssimas, aborda o tema com absoluta delicadeza e é indicado para crianças a partir dos 08 anos de idade.

11 – Tuca e Juba – Prevenção de violência sexual para adolescentes, de Julieta Jacob.



Com personagens com a mesma diversidade do que encontramos na realidade e ilustrações que incluem o universo visual das redes sociais, essa narrativa traz uma reflexão sobre auto-estima e consentimento sendo assim, imprescindível para a prevenção à violência sexual. Recomendado para adolescentes.

12 – Tom, Elis e Chico, de Mônica Mota com ilustrações de Lia Britto.



Tom, Elis e Chico contam a história de três irmãos que após sofrerem abuso sexual perdem toda a alegria que tinham. Este livro serve como base para alertar e conscientizar pais e educadores. Indicado para crianças de 4 a 10 anos.

13 – PIPO E FIFI para Bebês – Carolina Arcari.



Pipo e Fifi para bebês é uma versão do premiado livro PIPO E FIFI, dirigida às crianças da Educação Infantil e Creche, seguindo a mesma metodologia lúdica de proteção. Com conceitos mais simplificados, esse lançamento é uma ferramenta que ensina sobre o corpo, desfralde e partes íntimas, de modo que ajuda a criança a reconhecer quem são os adultos que podem ter acesso a elas durante a higiene e cuidados básicos.

14 – Gogô: de onde vêm os bebês?



A proposta de “Gogô” é, a partir da potência da literatura infantil na construção de referências das crianças, oferecer um caminho de diálogo sincero sobre temas como educação sexual, e assim estabelecer uma via de prevenção da violência sexual infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDO, C. **Sexualidade Humana e seus transtornos**. 3ª ed. atualizada e ampliada. São Paulo: Casa Leitura Médica, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

CENDHEC - Centro Dom Helder Camara de Estudos e Ação Social. **Formação para autoproteção de crianças: a experiência do Projeto Teia**. Organização Valéria Nepomuceno Teles de Mendonça– 1º. Ed. -- (Coleção cadernos Cendhec, vol. 23) Recife, 2020.

DELL’AGLIO, Débora Dalbosco & GARCIA, Aida Cássia Leal. **Uma experiência de educação sexual na pré-escola**.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health**. Geneva: WHO, 2006c. (Sexual Health Documents Series, 30).

SANTOS. Benedito Rodrigues dos, GONÇALVES, Itamar Batista E Vasconcelos, Gorete. (Organizadores). **Escuta de crianças e adolescentes em situação de violência**



sexual aspectos teóricos e metodológicos: guia para capacitação em depoimento especial de crianças e adolescentes; (coordenadores), Paola Barbieri, Vanessa Nascimento – Brasília,DF: EdUCB, 2014.

VIGOYA, M. V.; HERNÁNDEZ, F. G. ¿**Educadores, orientadores, terapeutas?** Juventud, sexualidad e intervención social. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 201-208, 2006.

MINHA PEQUENA FEMINISTA (site). Gogô: de onde vêm os bebês? – Caroline Arcari – 2018 - Disponível em <https://minhapequenafeminista.com.br/produto/gogo-de-onde-vemos-bebes-caroline-arcari/> - Acesso em 24 de agosto de 2021.